

## **Psicopatologia sexual e a Psicologia de JUNG**

Adaptação para estudos por Dr. Petho Sándor

In: A.GUGGENBUHL CRAIG; Psychopathologia sexualis und Jung'sche Psychologie; Analyt.Psychol; pg: 7-1976

1. A Psicologia Analítica de JUNG trouxe luz não só para os psicólogos, além dos interessados em religião e filosofia, estudiosos dos mitos, literatura e arte. Também para a área da psicopatologia, e para os próprios psicóticos, viciados, sexualmente anormais, dessocializados e delinqüentes, JUNG proporcionou uma nova visão, à qual todos deveriam estar gratos. É o que tentarei demonstrar neste texto.
2. C.G.JUNG era psicólogo e psiquiatra, um terapeuta da psique. Durante sua vida inteira tentou chegar ao íntimo oculto da psique humana. Tais esforços nada constituem de novo na história da humanidade; desde que existem seres humanos sempre tentaram descobrir quem são e o que os está dirigindo. A psicologia, como ciência, pode ser bem nova, mas o espanto e a admiração ligava-se àquilo que, de modo meio vago, denominamos religião. As fantasias mobilizadas pela morte e suas apresentações nos rituais de enterro podem ser entendidas como princípios da psicologia.
3. Tal psicologia “religiosa”, a busca da alma e a investigação de sua natureza dentro dos moldes religiosos são conhecidas pôr nós mais extensamente no seu cunho cristão. Jesus Cristo proclamava que o fim do mundo está próximo e que Deus acolherá os seres humanos no seu reino. A alma tinha que ser compreendida dentro da escatologia (i.e., da doutrina das coisas que deverão acontecer no fim do mundo) e o interesse no cristianismo medieval era: salvar as almas. O sentido do conhecimento da “alma” consistia em ser capaz de

preparar a própria alma para o reino celeste e salvaguardá-la para não cair na danação eterna. Os ardís do diabo deviam ser percebidos o mais cedo possível e tentava-se salvar a alma com amor, espada de fogo.

4. A sabedoria de Deus da cristandade veio a ser solapada durante a renascença e depois dela. Um novo Deus, chamado “ciência” levantava-se. O ser humano tentou entender de modo “objetivo” a criação, sem qualquer meta diferente daquela de encontrar o que ocorre na realidade, com os processos da natureza. Essa nova atitude objetiva influenciou grandemente os que buscavam a alma. A psique, a que precisava anteriormente ser reconhecida para que pudesse ser salva, agora, falando figuradamente, chegou a ser colocada ao microscópio. O que aconteceu foi que, por essa investigação “objetiva” ela parecia quase desaparecer. As tentativas dos filósofos da renascença para compreender filosoficamente a alma não trouxeram resultados convincentes. A observação objetiva-experimental tornou-se o método psicológico. De modo bastante infeliz rechaçava-se, com uma atitude animosa, tudo que fosse religioso e estivesse em conexão com a antiga psicologia religiosa: com a redenção das almas. A clareza das observações de forma alguma podia ser perturbada por qualquer vaga índole ou meta religiosa. A única força motivadora atribuída à vida psíquica era a pulsão de sobrevivência do indivíduo e da espécie. Tal pulsão ou força não podia ser negada no ser humano; mesmo a mais fria observação objetiva não podia ignorar a realidade da existência humana. Assim, a vida psíquica precisava ser entendida como um conglomerado de “mecanismos de sobreviver” mais ou menos profícuos. A pesquisa psicológica tinha que decorrer dentro dos moldes desse modelo biológico.
5. Uma tentativa de cunho religioso para compreender a psique, encontrava-se ainda nas igrejas, nas seitas religiosas e nos diversos grupos esotéricos, importantes para grandes massas mas desprezados pela elite intelectual.

6. FREUD acreditava neste modelo biológico. Mas o todo da psique total devia tê-lo fascinado de modo extraordinário e ele começou a descrever uma psique que ainda podia ser espremida no modelo antigo como que por um fanático crente da ciência. E FREUD permaneceu crente. Fome, sede, agressão, procriação-sexualidade, permaneceram os deuses dominantes. Estudando as obras de FREUD é interessante perceber que ele se sentia indisposto e confrangido nesse dogmatismo biológico. Mas não podia fazer de outro modo, tendo que se deparar com outras forças no campo da psique, forças que simplesmente se desentendiam com o modelo biológico de “sobreviver”. Por isso FREUD estipulou, enfim, as duas básicas pulsões opostas: o EROS, a pulsão que conserva a vida e o TANATOS, a pulsão de morte.
7. FREUD – na maioria de seus trabalhos – está tentando reconduzir a vida psíquica à pulsão biologicamente compreendida da sexualidade, enriquecendo essa pulsão básica com interessantes imagens e figuras exóticas, como “criança polimorfo-perversa”, “horda-primordial”, “assassinato do pai”, “complexo edipiano”, “inveja de pênis”, etc.
8. Então, entrou C.G.JUNG na arena psicológica. Libertou-se do estreitismo da clássica psicologia biológica, continuando a utilizar, porém, alguns de seus métodos. Observava a vida psíquica em si mesmo e nos outros de modo objetivo; prosseguia com a tradição da ciência objetiva, mas permaneceu, ele, realmente objetivo: livre da preocupação de seus precursores, os quais, com medo de se perderem numa dubiosa neblina religiosa, tiveram que reduzir de modo dogmático o todo da vida psíquica às pulsões biológicas do sobreviver.
9. JUNG era livre da dogmática compulsão reducionista. Observou a psique com decisiva abertura, experimentando o seguinte: as ações, as alegrias e sofrimentos, as imagens e representações, os anelos e angústias da psique não podiam ser reduzidos às básicas pulsões biológicas de fome, sede, agressão, procriação ou perpetuação do indivíduo e da espécie. Uma outra

força, uma outra pulsão parecia estar agindo e JUNG denominou-a individuação. Antes de JUNG, com e depois dele, muitos outros psicólogos reconheceram que a psicologia humana deve consistir em muito mais que somente no estudo das pulsões de sobreviver.

10. Hoje em dia já se fala muito em “busca do sentido”, “busca da própria identidade”, “projeção de Ser”, em “auto – realização”, “criatividade”, etc. JUNG parece ter sido, no seu tempo, um intrépido inovador, mas hoje a psicologia jungueana já não pode oferecer muito mais do que as outras psicologias. Por pouco poderia eu dizer: infelizmente não é assim.
11. O decisivo arrojo de JUNG foi não apenas romper o modelo biológico da sua época, mas além disso: descrever de modo científico, preciso e objetivo essa nova pulsão não biológica que é a individuação. Ele empregava essa palavra não de forma conceitual vaga e nebulosa, mas expunha-se de modo extenso e exato como um importante fenômeno psíquico por ele observado.
12. A individuação é um processo; pode também ser entendida como instinto; é uma pulsão primordial, como fome, sede, agressão, procriação, etc. Nas suas obras JUNG sublinhava sempre variados aspectos da individuação. Saliava o significado do desenvolvimento psicológico individual frente ao perigo ou possibilidade de permanecer emperrado ou afundado no coletivo. Acentuava a importância de tornar-se consciente. Mais tarde frisava o sentido de integração do inconsciente pelo consciente. Às vezes ligava a individuação estreitamente com o processo observado com frequência no decorrer da análise, mas nunca postulou que a individuação somente possa ocorrer pela análise.
13. De certos trabalhos seus obtém-se a impressão de que JUNG encara o modelo biológico como importante para a primeira metade da vida, mas considera-o claramente estreito demais para a segunda metade; na realidade, a individuação ocorre igualmente em ambas as fases da existência, propondo-se

como uma pulsão original, até como uma compulsão de experimentar todas as possibilidades da própria psique e confrontando-se com elas. É um impulso para entrar em contato com a centelha divina dentro de nós, a qual JUNG denominava SI MESMO (Selbst, Self, Soi Même).

14. A meta e o processo da individuação só podem ser representados de modo simbólico. A vida de Jesus Cristo, na medida em que possua significado simbólico, poderia ser entendida como um processo de individuação. Na linguagem religiosa a meta da individuação pode ser expressa como uma aproximação cada vez maior a Deus ou a deuses, como um voltar-se ao centro ou a Centros do Mundo, os quais, ao mesmo tempo, são o centro da nossa própria psique.

15. A verificação de que, no ser humano, encontra-se outras pulsões também, além das biológicas, e que essas podem ser igualmente estudadas, observadas e descritas, atrai muitos jovens à psicologia jungueana. Os estudantes, insatisfeitos com a unilateral, irrealista psicologia experimental "de ratos", e com suas características áridas, ficam fascinados pela psicologia de JUNG por causa do fenômeno da individuação.

16. Infelizmente essa contribuição específica de JUNG à psicologia moderna com freqüência está sendo mal compreendida. O significado mais próprio da individuação perde-se muitas vezes numa névoa de espiritualidade excelsa. A individuação torna-se um caminho místico para alguns poucos escolhidos que têm a vantagem e os meios de se deixar analisar para atingir, pela análise, graus mais altos de consciência e aproximar-se, assim, da sua centelha divina interna. A história da religião e da filosofia aponta já às pessoas eruditas e capazes muitas possibilidades, métodos e caminhos para entrarem em contato com a própria alma e desenvolverem-se na direção do SI MESMO.

17. O significado mais próprio do fenômeno da individuação, não é porém, antes de tudo a indicação de um caminho para regiões superiores. Um dos seus maiores valores é a possibilidade de entender de um modo novo a psicose, a psicopatologia, as condutas social e sexual desajustadas, etc. Sem a individuação, a psicopatologia continua a ser um livro de sete selos. Se consideram as assim chamadas pulsões biológicas como base da vida psíquica, então a psicologia permanece incompreensível. A conduta psicótica não pode ser declarada como desajustamento falho ou como degeneração das pulsões biológicas.

18. A psicose, a conduta sexual ou socialmente doentia são, entre outros, caminhos específicos de individuação. Enquanto não entendermos cada sintoma psicopatológico como expressão de um caminho específico de individuação a psicopatologia continuará obstruída para nós. Só entendendo-a do ponto de vista da individuação, ela demonstrará seu pleno sentido.

19. No que se segue gostaria de ilustrar, mais por um esboço, estas idéias. De modo breve observaremos a sexualidade e as perversões sexuais, investigando depois se esta pulsão biológica em si e seus emaranhados podem ser, antes de tudo compreendidos pelo conceito jungueano da individuação, e até mais: se talvez na sexualidade e mesmo nas suas aberrações está se expressando hoje em dia, mais nitidamente, essa individuação.

20. Certamente pode-se duvidar que a base da sexualidade seja apenas a procriação. O tempo e a energia empregados na vida sexual pouco têm a ver com o gerar filhos apenas. A vida sexual inicia-se na tenra infância e só acaba no túmulo. Por vida sexual entendem-se também as fantasias sexuais como atuações. Apenas uma pequena parte da vida sexual expressa-se por atividades. A maior parte consiste em fantasias e sonhos. Com certeza é claro para muitos que todas essas ricas fantasias sexuais de jovens e idosos têm

pouco a ver apenas com a procriação em sentido estrito. Mas o que poucos percebem e mesmo assim de modo insuficiente, é que até a maioria das atividades sexuais nada têm com a procriação. E isto não acontece apenas porque temos meios anticoncepcionais mais eficientes. A maioria das atividades sexuais foram sempre, do ângulo biológico, uma brincadeira sem sentido. É certo que a sexualidade sempre esteve ligada ao evento procriativo, mas esse fato não a tornou mais compreensível.

21. Hoje em dia, geralmente se entende a sexualidade em termos muito mais extensos. A pessoa sexualmente madura utiliza sua sexualidade não somente para fins procriativos, mas também para formação e o aprofundamento do relacionamento humano com o (a) companheiro (a) da outra polaridade. Essa ampliação é muito valiosa mas não contém ainda o centro do problema da sexualidade. Em muitas fantasias ou sonhos sexuais figuram personagens com as quais um contato não é possível ou até nem seria desejável; outros apresentam pessoas que nem existem. E ainda: se tais fantasias fossem realmente vividas poderiam, freqüentemente, destruir por completo ligações humanas em questão. Em geral, a sexualidade prejudica as ligações humanas, e certamente com tanta freqüência quantas vezes pode também ser útil. Provavelmente tantos matrimônios estão sendo destruídos pela sexualidade quanto outros conservados por ela.

22. Sabemos que as pessoas desenvolvem uma parte bastante grande da sua energia na vida sexual. Isto explica que FREUD não pudesse compreender a vida psíquica de outra maneira que não via sexualidade. E isto corresponde a uma avaliação bem realista da situação humana. FREUD viu sexualidade direta ou sublimada em todos os pontos em que deparou com a psique humana.

23. Antes de continuarmos gostaria de salientar o seguinte aspecto da vida sexual. As noções de sexualidade normal e anormal – na medida em que se estuda

mais exatamente a conduta sexual do ser humano – tornam-se mais e mais questionáveis.

24. Antes de tudo, os psicoterapeutas observam que as fantasias e sonhos sexuais de muitos ou até da maioria, são extremamente peculiares, bem distantes daquilo que se entende por sexualidade normal. A maioria das pessoas costuma ter, aqui e acolá, fantasias sexuais ou sonhos que, mesmo a uma consciência mais liberal parecem bastante bizarros ou perversos.

25. Estamos tentando, então, ligar a sexualidade à individuação. Para fazer isso temos que voltar de novo à individuação. JUNG descreveu-a detalhadamente. Uma das tarefas da individuação seria reconhecer a sombra pessoal, coletiva e arquetípica, o reprimido contrafator dos nossos ideais pessoais e coletivos, para entrar em contato com o destrutivo lado arquetípico em nós e que não pode ser reduzido a outra coisa.

26. Uma outra e não menos importante tarefa do processo de individuação é, para os homens o deparar-se com seu aspecto feminino e, para as mulheres, com seu aspecto masculino, isto é, a confrontação com Anima e Animus, respectivamente. Lidar com o nosso lado contra-sexual e a ligação misteriosa com este, fornecem a possibilidade de vivenciar e compreender a polaridade da psique e do mundo, do homem e da mulher, humano e divino, bem e mal, consciente-inconsciente, racional e irracional, etc. Essa assim chamada “conjunction oppositorum”, a conjunção dos opostos, é – naturalmente – apenas um dos muitos modelos ou símbolos da meta de individuação.

27. JUNG sempre e de novo salientava a importância de sonhos, fantasias, da imaginação ativa, da mitologia religiosa e da criação artística na individuação. Por esses meios podem ser vivenciados os símbolos através dos quais ocorre esse processo. Aqui experimentam-se símbolos viventes que promovem uma transmutação no indivíduo.



28. Muitos símbolos, não obstante, têm a tendência infeliz de se tornarem posse de uma pequena elite erudita. Isto ocorre, por exemplo, com os deuses gregos no decorrer da história. Os deuses da antiga Grécia são, em parte, símbolos de forças psíquicas, de arquétipos; os gregos os vivenciavam como realidade concreta, contemplando-os e experimentando-os quase em termos sensoriais. Mas quando começaram a entendê-los como símbolos, quando perderam sua natureza concreta, grande parte da sua influência se perdeu para a vida psíquica da maioria. Também nós, psicólogos, com toda a nossa compreensão mais ou menos estranha de símbolos, temos uma necessidade profunda de concretismo. (A visita à gruta na ilha de Creta onde Zeus, supostamente nasceu, atinge intensamente o nosso íntimo).
29. Os gregos adoravam seus deuses e sabiam vivenciá-los na própria psique, especialmente os componentes arquetípicos. Os alquimistas projetavam seu desenvolvimento psíquico em processos químicos verdadeiros ou fantásticos. C.G.JUNG foi um dos primeiros a explicar o significado psicológico das fantasias, operações e investigações nos laboratórios – muitas vezes bastante estranhos – dos alquimistas.
30. Somos compelidos a nos “individualizar”, a entrar em contato com todas as partes do microcosmo da nossa psique, vivenciando também, assim, o macrocosmo, o Deus e o Diabo dentro de nós e fora de nós. A individuação necessita símbolos. Mas onde encontrarmos, hoje em dia, símbolos viventes? Símbolos tão vitais e atuantes como os deuses dos antigos gregos e como o processo alquímico?
31. E agora voltemos de novo à sexualidade que, como dissemos acima, não é idêntica à procriação e nem se esgota com o relacionamento humano. A sexualidade, com todas as suas variações, pode ser compreendida antes de tudo como uma fantasia de individuação, uma fantasia cujo os símbolos não constituem a posse exclusiva de uma elite acadêmica, mas é propriedade de

cada um, de um trabalhador de pouca instrução como de um professor da Universidade.

32. Como se confronta um homem, jovem ou idoso, com sua Anima? Com frequência isto ocorre por uma ligação com uma figura feminina, mas mais freqüentemente por fantasias sexuais cuja meta não é, antes de tudo a procriação, o relacionamento humano, mas a confrontação com Anima. O mesmo vale para a mulher.
33. As fantasias sexuais da maioria dos homens e das mulheres são muito mais tempestuosas e bizarras do que sua vida sexual realmente vivida. Infelizmente os analistas e psicólogos reagem a essas fantasias muitas vezes com desprezo, patologizando-as. O comentário a uma fantasia viva e aberrante de um jovem foi o seguinte: “Esse jovem ainda não tem a capacidade de se relacionar, é ainda vítima de sua pulsão sexual subhumana”. Ou um outro analista comenta, discutindo um caso com seu colega: “Ele abusa de sua amiga para viver suas fantasias sexuais porque lhe falta ainda a ternura”. Um outro comentário: “Esse velho sofre de impudícia senil”. Ouve-se com frequência: “Ele (a) foge para suas fantasias”, etc.
34. Esse modo de ver que só sabe desprezar e patologizar atua sobre a psique de modo destrutivo. Quero salientar mais uma vez: a vida sexual, especialmente como se apresenta nas fantasias, é um intenso processo de individuação vivido em símbolos.
35. Tal forma do processo de individuação deve ser reconhecida e respeitada. É anti-terapêutico e até “não-psicológico” encarmos o fenômeno da sexualidade como algo primitivo, que talvez possa ter certo significado simbólico, mas deveria ser elevado, pela sublimação, a um nível diferente.

36. O processo da individuação – naturalmente – expressa - se nas mais variadas formas possíveis e o aspecto sexual constitui apenas uma delas, não sendo nem mais nem menos valioso do que as outras. Mas nunca poderia ser propósito de terapeutas e psicólogos substituir as fantasias sexuais por outras: até as mais peculiares dessas fantasias devem viver e atuar. É prejudicial para a psique recalá-las porque desaparecem ou se tornam demais espiritualizadas.

37. Não quero, porém, ser mal entendido. O que estou propondo nada tem a ver com o “viver” da sexualidade apresentado por W.REICH. A vida sexual é antes de tudo a fantasia, com suas peculiaridades e formosuras, é apenas um dos muitos meios pelos quais a individuação pode realizar-se. Não constitui aquele meio que nos salvará. Através dela nenhum paraíso se revelará à la REICH.

38. Enquanto atuei como profissional na América (USA) durante bastante tempo tratei muitos pacientes que sofriam de aberrações sexuais. Tentei ajuda-los por uma cuidadosa elaboração das conexões psicodinâmicas em termos freudianos, sem muito sucesso. Um estudante – fetichista – que, por causa de roubo de peças femininas entrou em conflito com a lei, mostrou-me o porque dos seus malogros. Ele leu com voz triunfante aquele trecho do FAUST II onde este se encontra com Helena. Depois de prolongada busca, ele se defrontava, enfim, com a mais bela representante do mundo feminino, mas ela logo desaparecia e FAUST lá ficava, apenas com um lenço dela na mão. O estudante então explicava: “As mulheres são, para mim, apenas símbolos e o encontro com o feminino talvez seja muito profundo se temos na mão uma pecinha dela, um objeto que simboliza a mulher, do que ela mesmo.. Assim, nunca será esquecido que a fantasia é quase tão importante quanto a realidade.”

39. Esse fetichista, até certo ponto, estava com a razão. Ele não confundia a sexualidade com a procriação, nem a entendia como um meio de

relacionamento humano. Através deste fetichista tornou-se para mim paulatinamente mais claro que a sexualidade pode ser compreendida também de outra maneira. E assim comecei a me espantar com a idéia do que os sexualmente aberrantes estariam mais próximos – mesmo daquela maneira singular – do fenômeno da sexualidade do que os aparentemente normais. Talvez possamos começar a entender, lentamente, porque difere tanto a vida sexual das pessoas, repleta das assim chamadas aberrações e confusões, seja de modo fisicamente vivido, seja em sonhos e fantasias.

40. A SOMBRA, por exemplo, o aspecto obscuro-destrutivo dentro de nós, pode ser também experimentada no meio sexual. Isto, naturalmente, não significa que alguém deva ser investigado por fantasias de um De Sade ou de um Sacher-Masoch. Significa, no entanto, que fantasias dessa espécie podem ser encaradas como expressão simbólica de um processo de individuação, o qual decorre no reino das divindades eróticas.

41. Certa vez tratei uma mulher masoquista, uma flagelante e tentei ajudá-la a tornar-se normal. Até tive sucesso: ela cessou sua atuação masoquista e passou a reprimir também as respectivas fantasias. De repente começou a sofrer dores de cabeça inexplicáveis que chegavam a perturbar sua vida profissional. Durante uma vivência visionária – a paciente era poetisa e no seu meio as visões não constituíam algo inusitado – MOISÉS apareceu-lhe e mandou que continuasse com a flagelação. Se não fizesse isso os egípcios iriam matá-la. Na base dessa visão ela desenvolveu uma teoria complicada, em parte recorrendo também aos rituais de flagelação dos cristãos mexicanos, propondo que só pelo seu masoquismo poderia confrontar-se com o sofrimento do mundo. Assim, deixou-se inundar de novo por fantasias masoquísticas: a dor de cabeça desapareceu e ela desenvolveu-se psiquicamente de modo satisfatório. Tal exemplo deve ser entendido apenas como ilustração e não como argumento comprovante.

42. O fenômeno do sado-masiquismo sempre espantou os psicólogos. Como podem encontrar-se prazer e dor? Entendendo a sexualidade apenas em termos biológicos, certamente não será possível entender esse fenômeno. Mas do ponto de vista da individuação podemos encontrar um acesso mais inteligível a ele. Não é o sofrimento da nossa vida e da vida em geral que aceitamos com mais dificuldade? O mundo está tão repleto de dor que sofremos física e psiquicamente. Até para os santos era penoso entender isso. (“Sofrer não é nenhuma enfermidade, mas apenas o polo oposto normal da felicidade.” - Jung)
43. Na psicologia do C.G. JUNG fala-se sobre o lado obscuro de Deus. Mas confrontar-se com esse lado muitas vezes é impossível. Não podemos e não queremos fazer isto. Em muitas pessoas ocorre esta confrontação por fantasias sado-masiquistas. As violentações têm um grande papel em sonhos e fantasias de mulheres e até constituem, muitas vezes, o centro de angústias compulsivas. Aterradora ou fascinante, a fantasia de violentação é importante para a psique feminina. É um dos grandes temas da mitologia grega e das artes que a apresentavam.
44. O motivo da violentação talvez possa ter algo a ver com o repentino e violento apoderamento da psique pelo espírito. O Animus “derruba” a disposta/indisposta psique feminina. No meu trabalho psicoterápico vi, com bastante frequência, que as fantasias de violentação compreendidas como um valor psicológico, como um símbolo vivente, como algo que não deve ser reduzido nem superado, põem de novo e de novo as pacientes em movimento, ajudando-as no caminho da individuação.
45. A vida sexual e as fantasias eróticas são ricas e multiformes porque assim, por tais símbolos viventes, todas as variações da vida psíquica podem ser experimentadas. Da mesma maneira como JUNG compreendia as peculiares atividades e fantasias dos alquimistas como imagens do nosso

desenvolvimento psicológico, assim podemos reconhecer e seguir o processo da individuação na vida sexual até com suas aberrações.

46. O HOMERO dos deuses sexuais já se apresentou: foi FREUD. (no sentido de fazer a ponte humano/divino) Ele achou que devia descrever a sexualidade dentro do modelo biológico e descreveu-a de modo extraordinariamente diferenciado, supondo ter encontrado nela a base da conduta humana. Acontece que só um psicólogo jungueano pode avaliar a grandeza da psicologia de FREUD; os próprios freudianos dificilmente podem compreendê-lo. FREUD defrontou-se com a sexualidade, chegando a ser dominado pelos seus fenômenos fascinantes. Ele criou uma mitologia sexual vivente.

47. Apenas um exemplo: a imagem da criança polimorfo-perversa. FREUD postulava que as crianças são basicamente polimorfo-perversas tendo possibilidades para todos os tipos da perversão sexual. A criança polimorfo-perversa existe em cada um de nós durante a vida toda. Alguns aspectos são, porém, reprimidos e levam apenas uma existência umbrosa nos sonhos e fantasias escondidas. Mas o que é criança polimorfo-perversa senão o Si Mesmo da psicologia de JUNG, o símbolo do todo da psique, o cerne divino em nós, o que contém tudo como um microcosmo que corresponde ao macrocosmo.

48. Um tanto fora do contexto, gostaria de apontar uma outra característica da vida sexual com todas as suas aberrações e que só através do processo de individuação pode ser entendida. Trata-se do pudor e da ocultação. A vida sexual, vivida ou fantasiada, é bastante escondida pela maioria das pessoas. Mesmo no encontro analítico podem passar anos até que se chegue à comunicação das fantasias sexuais mais íntimas. A maior parte das imagens sexuais que aparecem nos sonhos dos pacientes costuma ser suavizada ou “inocentada”. Do ponto de vista do modelo biológico essa necessidade de ocultar é incompreensível.

49. Segredo e intimidade são propriedades da psique e do processo de individuação. Ele tem que decorrer num receptáculo fechado e ninguém deve perturba-lo. Aqui erram, pois, os representantes da moderna pornografia : é psicologicamente acertado compreender a sexualidade e suas modalidades como uma expressão da psique humana, mas talvez seja prejudicial, do ponto de vista psicológico, apresentá-la com todas as suas particularidades pormenorizadas em filmes e teatros. Tal apresentação rasgada certamente privará a sexualidade do seu sentido mais profundo, i.e., do simbolismo da individuação, que deve ser vivenciado de modo íntimo e privado.
50. Uma outra característica de muitas fantasias sexuais, especialmente das mais aberrantes e que dificilmente pode ser compreendida: o aspecto compulsivo. Muitas peculiares fantasias e atividades sexuais transformam-se em compulsão e são aquelas que levam, com freqüência, a embaraços sociais. As compulsões são, em geral, apesar de todas as pesquisas e teorias psicológicas, fenômenos muito precariamente compreendidos. Não obstante, não acho que a natureza compulsiva de uma parte da vida sexual esteja contradizendo o caráter individualivo.
51. Nós apreciamos a posição de que a labilidade seja uma das metas do processo de individuação. De outro lado não devemos esquecer que o processo de individuação, para os seres humanos tem algo de imperativo, não há escapatória. Talvez o lado compulsivo da vida sexual possa ser compreendido em conexão com a necessidade inevitável da individuação. Quanto mais há oposição à compulsão tanto mais ela crescerá. Todas as tentativas de normalização, i.e., de amarramento podem ser consideradas como pecado contra a psique.
52. A inteira psicopatologia, não apenas a psicopatologia sexual, tem que ser encarada e descrita em termos novos, do ponto de vista da individuação. A

esse processo podem ser coligados os assim chamados eventos psíquicos normais, mas não apenas esses, porque até a conduta humana mais insensata, patológica, criminal e anti-social pode ser realmente compreendida se compreendemos a individuação. Tentei mostrar isso no exemplo de sexualidade.

53. Antes de acabar a minha preleção gostaria de apresentar um exemplo da patologia sexual e social. Durante muitos anos trabalhei com meninas delinquentes e dessocializadas. A maioria colidira com a lei por causa de transgressões menores, muitas vezes sem ligação com a sexualidade. Por isso, eram recolhidas a casas de observação e examinadas muito cuidadosamente do ponto de vista psiquiátrico. As autoridades tentavam ajudá-las a reconstruir sua vida; tinham oportunidade de aprender uma profissão e se procurava para elas trabalho e famílias que podiam acolhe-las. Tudo isso ocorria, na medida do possível, com consentimento das meninas. Não obstante, todas as boas intenções eram, muitas vezes, emperradas ou destruídas por causa da fuga das meninas. Mais cedo ou mais tarde, às vezes ainda na casa de observação, às vezes já quando moravam com a família, isto acontecia e, na maioria das vezes, sem uma causa compreensível. Em geral encontravam-nas alguns dias depois em qualquer localidade na Suíça, França ou Itália. A fuga raramente era planejada cuidadosamente. Ao se perguntar a causa, nenhuma resposta especialmente esclarecedora era dada. “Eu quis simplesmente dar o fora”, “Eu quis ver um cara”, “Já fedia demais para mim”, “Não teve nenhuma causa para tirar o corpo”, eram as explicações. Os peritos psicológicos falavam de “Eu Fraco”, “instintualidade”, “conduta psicopatológica”, “comportamento anti-social”, “angústia frente a contatos humanos mais profundos”, “revolta contra uma sociedade repressiva”, etc.

54. Com o tempo percebi que as meninas, via de regra, realmente não tinham nenhuma razão para fugir, mas sua atuação auto-destrutiva devia ser



entendida como vivenciar de fantasias bastante esclarecedoras. No exemplo seguinte apresento uma dessas fantasias:

“Eu desinfeto... vou para Niendardorf (bairro de diversões em Zurique), entro num bar... me meto com um cara.... ele me leva para Marselha... lá esbarro com um bacana que tem iate. Ele quer estar comigo... vamos ao seu iate, no mar, e no fim chegamos ao Brasil”.

55. Como psiquiatra jungueano comecei então, lentamente, a compreender que as fugas das meninas e as fantasias que as motivavam não se enquadram no modelo biológico da psicopatologia clássica. Também do ponto de vista sociológico não podiam ser realmente compreendidas. Mas no que anelavam essas meninas, na verdade? Primeiro quiseram fugir para Niederdorf, bairro das diversões, iluminado durante a noite por luzes coloridas e onde, de todas as entradas soa uma música excitante; onde realmente as coisas andam e a vida parece mesmo ter sentido e conteúdo. Lá nessa atmosfera paradisíaca e extática tentavam achar um guia que as levasse às praias do mar Mediterrâneo, esperando encontrar lá um príncipe de contos com quem viajaria até paisagens lendárias.

56. Por trás dessas fantasias e de suas vivências há um impulso para achar a si mesmo, o que é a individuação. O bairro das diversões poderia ser atendido como símbolo da movimentação psíquica, como a dissolução da atrofia e da petrificação psíquicas. A maioria de nós se lembra como, na fase da juventude, os locais de diversão, com suas iluminações, as pessoas com roupas exóticas e coloridas, pareciam ser lugares onde a vida era realmente vivida.

57. O encontro com um homem poderia ser o deparar-se com Animus e o príncipe dos contos, que leva a menina no seu iate para terras distantes, tem muita semelhança com o psicopompo. Mesmo o encontro com o tal príncipe nos aproxima do “mistério das conjunções”, que é ligação numinosa das nossas polaridades internas, meta de todos nós.

58. As fantasias e sua experiência real só podem ser compreendidas como um aspecto de um processo de individuação muito ativo. A fuga das meninas não pode ser explicada sem as fantasias subjacentes. O vivenciar das fantasias decorre, via regra, de forma e de modo bastante tristes. O encontro com o príncipe encantado concretiza-se geralmente, por curto, frígido encontro sexual sem sucesso, com um rufião.

59. Não é de admirar que as tentativas bem intencionadas dos profissionais, querendo fortalecer o senso de realidade das meninas e de demonstrar a falta de sentido do seu procedimento para tornar-se mais realista e mais ajustadas – não surtiam nenhum efeito. A única possibilidade de assistir essas meninas, era ajudá-las a apreciar e compreender a quase religiosa importância da beleza de suas fantasias. Nelas – e na sua parcial vivência real – precisava ser procurado e encontrado psiquicamente o posterior desenvolvimento criativo.

60. Essas meninas não sofriam, antes de tudo ou apenas, de caóticas pulsões biológicas sem direção, mas de impulsos pela individuação. Sua necessidade de entrar em contato com a centelha divina dentro de si mesmas levava-as a um conflito com a realidade externa.

61. Talvez agora se compreenda porque aponte no início da minha dissertação que tanto a elite filosófica e religiosa deve ser grata a C.G.JUNG, mas também os doentes mentais, os viciados, os sexualmente pervertidos e os anti-sociais delinqüentes. A psicologia jungueana restituiu a esses indivíduos e sua dignidade. A psicopatologia não significa mais o estudo da vida psíquica subdesenvolvida mas um trabalho com processo de individuação.